

# Nas linhas da frente da Justiça Climática

Oradorxs:

- LaDonna Bravebull Allard (Lakota, EUA)
- Nicole Oliveira (350.org Europa)
- Nnimmo Bassey (Nigéria)

Moderadora: Catarina Gomes (Linha Vermelha, Portugal)

Relatora: Ana Rita Antunes

Mais informação sobre o painel:

<https://climaximo.wordpress.com/2018/12/09/nas-linhas-de-frente-da-justica-climatica/>

Esta sessão juntou dezenas de pessoas para ouvir as histórias dos três oradores que presenciaram lutas pela justiça climática e o que isso tem implicado para as suas vidas pessoais.

A moderadora Catarina pediu que começassem por abordar algumas das principais lutas no seu país de origem.

Nicole trouxe a expansão da indústria fóssil na Amazônia, em países como o Equador e a Bolívia. A campanha contra o fracking no Brasil e na Argentina em 2013, em que acções legais foram iniciadas, bem como uma consulta pública,

conjuntamente com uma agregação pública e formação em segurança, permitiram que a campanha se tornasse abrangente. Derivou por isso, que muitos estados do Brasil tivessem banido oficialmente o fracking.

La Donna começou por abordar de forma muito visceral e intensa, que no começo da sua luta no movimento Standing Rock, a primeira abordagem que tiveram foi falar com as crianças e depois com os anciãos, porque defende vigorosamente que todos deverão estar envolvidos, que ninguém deve ficar de fora e que todos têm o seu papel nisto. Os contextos como nos EUA e no Brasil, em que os governos não são amigáveis, não servem de desculpa para os cidadãos não agirem. E reforça esta ideia na existência de 200 acampamentos em zonas de extração de gás e petróleo, bem como um desinvestimento de 64 mil milhões de dólares: bancos, seguros (companhias que tinham dinheiro envolvido no Dakota Access Pipeline, ou noutros projetos). Apesar de controlarem os media, controlarem assim o mundo, temos que tomar esse controlo, porque implementam uma política de “dividir e conquistar”, que é uma estratégia militar. Nota que as indústrias extrativas estão agora a adotar estratégias do tipo militar para lidar com a resistência.

Nnimmo refere que vem da Nigéria, que caricatura como o país mais limpo do mundo, em que existem rios cobertos de óleo, devido à exploração da Shell e outras companhias, em que queimam poços de gás para escoar a produção, numa demonstração inolvidável de racismo e desperdício. Existem inúmeros campos de exploração de gás, pois existe investimento estrangeiro direto e está a espalhar-se por África,

com grande crescimento, pois os políticos ainda fazem publicidade aos seus países para atrair investimento. Acrescenta que cada poço de gás é um local de crime.

Depois desta introdução, a moderadora pediu aos oradores para que nos trouxessem lições-chave das campanhas e mobilizações, fossem falhas ou sucessos.

**Nicole** afirma que uma das lições que retirou foi que na sua experiência, **foram os governos de esquerda que abriram a porta para a indústria fóssil**, neste caso, na América Latina, em que a pobreza aumentou, devido a conflitos territoriais e desapropriações, em que esta indústria beneficiou 200 mil milhões em dólares de benefícios fiscais no Brasil. Deu o exemplo do presidente Mujica no Uruguai, que fingia ser pobre, ainda que fosse multimilionário e que tornou o fracking legal no país. Exemplos que demonstram *in loco* que o facto de os governos serem de esquerda, não implica necessariamente que adotem medidas diferentes. Estes partidos não estão a beneficiar o paradigma climático, dando espaço para que partidos mais radicais, com ideias e políticas fascistas assumam mais relevância no panorama político.

**La Donna**, antes de remeter a resposta à questão, pergunta a audiência como se mede o sucesso, o que isso significa. E responde que o sucesso significa o *empowerment* de si mesmo: “eles vêm-me agora”. Refere que neste aspecto do sucesso, não se pode confiar nos governos, dá o exemplo do Presidente Obama que advogou contra o movimento Standing Rock e apoiou corporações sem-lei, apesar de todas as suas promessas

de campanha. Um dos impactos locais da indústria favorecida foi o aumento explosivo do tráfico de droga, preço da alimentação e da habitação. Identifica que a nossa falha é sobretudo porque permitimos que isso aconteça, que qualquer pessoa neste momento tem as mãos sujas e banha-se em sangue.

**Nnimmo** diferencia que o sucesso nem sempre é tangível. Só o facto de se dizer “não!” é um imenso sucesso, porque se for um milhão a dizê-lo, então as propostas já começam a existir. Define também que sucesso também é sofrer e ser preso por desobediência civil, mas recuperar depois disso. Dizer “não” é uma alternativa, ser capaz de lutar contra a narrativa da indústria e política. E acima de tudo, quando se contraria a narrativa do paradigma da indústria e elites políticas, dizer o que se sente é a melhor forma, porque assim ninguém pode contrariar. Outros sucessos que recorda foram em 1996, quando a Oil Watch International inicia campanha moratória de 10 anos sobre a extração. Atualmente, o World Bank começa a falar em orçamentos de carbono e do movimento *Keep it in Ground*. Inclui também como sucesso, a solidariedade internacional e do apoio mútuo entre várias campanhas e de litigação legal, sobretudo em países onde se encontram as sedes das grandes petrolíferas (UK, Itália, Holanda).

Aproveitando este contexto, a moderadora questiona sobre a visão dos oradores sobre a cooperação internacional e regional na luta contra a indústria de carvão, petróleo e gás. **La Donna** refere o movimento de Standing Rock como uma série de sementes espalhadas pelas redes sociais, um ensinamento

proveniente dos mais novos. A cooperação é fundamental e natural, porque somos todos indígenas nesta Terra.

Já **Nicole** observa que **no Hemisfério Sul, as populações estão a atingir o limite da resistência, referindo assim que é fundamental e urgente que nós, europeus, nos envolvamos e aproveitemos as nossas liberdades individuais civis para nos manifestarmos.** Dá um exemplo muito paradigmático da importância da cooperação: a 350.org tem uma atividade de *role playing*, chamado “the village”, em que cada grupo projeta a aldeia dos seus sonhos, com todas as coisas que gostariam de ver realizadas. Após esta primeira parte, um dos moderadores pede para ver o resultado de cada grupo e “rasga” o projeto à frente dos participantes. O moderador começa a deturpar e explorar de forma negativa o projeto desenhado. Após a confiança traída do primeiro grupo, o segundo grupo já está relutante em aceitar o moderador e os seguintes grupos, negam-se. A moral desta história prende-se em algo que a oradora já vivenciou, em que as pessoas só acolhem a mudança (neste caso, a destruição) porque não têm conhecimento. E neste exercício notou que já era difícil para os grupos aceitar a destruição da sua aldeia ideal, pedindo-lhes para imaginar o que as populações sofrem, quando perdem o seu modo de vida, no mundo real.

A sessão terminou com alguns comentários por partes dos ouvintes, que estavam compassivos com as lutas vividas pelos oradores. **Nicole** acrescentou que é profundamente infeliz devido a toda a sua experiência, é seguida todos os dias, teve de sofrer o assassinato de colegas, e não lamenta trazer-nos

esse desconforto, pois, definitivamente, o seu objetivo é que todos se sintam desconfortáveis e isto os motive a agir. **La Donna**, apesar de os seus anos de sofrimento no movimento de Standing Rock, reforça a importância da comunidade, exemplificando que onde ela vive, não existem funerais familiares, mas sim de toda a comunidade, onde todos têm a oportunidade de se despedir. Termina com: **“o individualismo é a queda da Humanidade.”**